

UNIFICAÇÃO

ÓRGÃO DA
UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE

Registrado no Departamento Nacional de Propriedade Industrial sob n.º 183.663, em 11-4-1956 e, de acordo com a Lei federal n.º 2.083, de 12-11-1953, combinada com o Decreto Federal n.º 4.857, de novembro de 1939, sob n.º 1.244, no Cartório do 1.º Ofício da Capital.

N.ºs 59-60 — Fevereiro-Março de 1958 — ANO V

CINCO ANOS DE VIDA

Completa "Unificação" com este número o seu quinto ano de vida, servindo criteriosamente ao movimento de unificação da família espírita paulista.

Tendo nascido por resolução do expressivo plenário do III Congresso Espírita Estadual, realizado em junho de 1952, foi lançado dez meses mais tarde, em abril de 1953, depois de reorganizada a USE conforme o plano de reforma aprovado para o terceiro exercício.

O órgão oficial da USE tem um programa bem definido: defender o princípio de unificação e afastar os fatores contrários; publicar as resoluções, atos e normas direcionais da USE; defender e divulgar os princípios doutrinários contidos na Codificação Kardeciana; rejeitar as tentativas de intrusão de doutrinas espíritas ou chocantes com a referida codificação; defender como fundamento do Espiritismo as obras completas de Allan Kardec e não um ou outro de seus livros; não acoarçar o personalismo, tanto o ostensivo como o dissimulado; observar o princípio de autoridade no movimento de unificação estadual e nacional, considerando como órgão superior do movimento espírita no Brasil o Conselho Federativo Nacional; prestigiar o "Pacto Aureo" atualizado na I Reunião dos Presidentes, realizada no Rio em agosto de 1956; colaborar com a Federação Espírita Brasileira em tudo que se relacione com o bem da Doutrina e com a defesa do Espiritismo codificado por Allan Kardec; repudiar movimentos paralelos que por esse meio invadem a seara espírita ou arrebatarem algo do seu patrimônio. Defender os Estatutos da USE, em seu espírito e em sua letra.

Compreende-se que tudo que fira o espírito de unificação não se enquadra nas colunas deste órgão unificador. Seria insensatez alimentarmos polémicas, críticas acerbas ou sistemáticas, ataques gratuitos a Igrejas ou a pessoas.

Por coerência com o princípio de autoridade coletiva, traço marcante da USE, repelimos ainda as iniciativas individualistas.

Com relação à política observamos rigorosamente o artigo I e o 44 e seu parágrafo único, dos estatutos da USE.

Repelimos qualquer tentativa de exploração política.

"Unificação" conseguiu alguma coisa de respeitável graças à sua atitude serena e firme, limpa e impessoal, mantida durante um lustro, malgrado a incompreensão de confrades ilustres que lhe negam a colaboração ou ajuda. Não é um jornal como os outros. É órgão específico, a serviço da UNIFICAÇÃO em torno da Codificação Kardeciana.

Se algum confrade não puder admitir que no órgão oficial da USE é forçoso tal critério, então difícil lhe será compreender porque "Unificação" não pôde acolher em suas colunas alguns trabalhos que lhe foram endereçados.

Mas o nosso critério é sadio e consciente, é resultado de ampla opinião coletiva de espíritas competentes. Repetimos: Não acolhemos o que desunifica, mas falamos de unificação em sentido alto. Não acolhemos o personalismo. Não acolhemos o abuso. Mas acolhemos com simpatia e entusiasmo os trabalhos apoiados na Codificação Kardeciana e nos princípios da USE. Acolhemos tudo que edifique com o ideal de unificação.

A USE tem por finalidade orientar, unificar e responder pelo movimento espírita no Estado. Para colaborar com esse programa criou ela o "Unificação". Podemos e devemos manter essa posição e é o que temos feito durante cinco anos em suas colunas.

Oxalá "Unificação" não encontre motivos para mudar de rumo. Com isso ganha a Doutrina, o respeito à nossa sociedade e o próprio jornal.

ABRIGO

Tristes viajores relegados à intempérie conhecem, de sobra, as convulsões e angústias da natureza.

Apreensivos e atormentados toleram agora o assédio do temporal que lhes encharca a veste róta, compelindo-os a atravessar o pântano em movimento.

Em seguida, sofrem o impacto de insetos escarminhos, que lhes sugam o sangue à flor da epiderme, quando não podem o assalto oculto da fauna microscópica que lhes intoxica os centros de força.

Para eles, a noite é mais densa e a ventania mais áspera, constringendo-os a caminhar...

Eis, porém, que lar amigo se lhes reponta à frente, ofertando-lhes à aflição sossegado refúgio.

Acolhidos, com amor, repousam e reaquecem ao aconchego da confiança, cobrando energias novas na procura da meta que deve continuar.

No quadro simples de cada dia, encontramos a alma humana entregue às sombras da tempestade mofal... na hora difícil que atravessamos...

Flagelações e perigos cercam-lhe o passo, através de todos os flancos da luta, enquanto venenos subtis de cansaço e discórdia lhes imobilizam as esperanças...

Contudo, o coração fraternal que o Espiritismo esclarece, ao Sol do Cristo Eterno, é o abrigo de amor que a estrada lhe propicia, — santuário ditoso em que há paz e remédio, alimento e consólio...

Guardemos pois no mundo a tarefa da bênção que o Senhor assinala à nossa fé sublime, a fim de que sejamos, hoje, agora e amanhã, o altar de entendimento em que a vida de todos se refaça mais pura, na romagem da Terra, para a luz do porvir.

EMMANUEL

(Mensagem recebida por Francisco Cândido Xavier, em 8-11-57).

A MARCHA DA UNIFICAÇÃO

A. SARRAF

Nasceu a União Social Espírita (denominação primitiva da USE) do sadio e vibrante sentimento de centenas de confrades sensatos. Após inúmeras tentativas parciais para unir e salvaguardar o movimento espírita de perigosas forças desagregadoras, a grande família espírita reagiu à altura e forçou a convocação do I Congresso Espírita Estadual, como base para uma solução definitiva da grave e prolongada situação.

Patrocinado pelas três entidades federativas, unidas pela contingência, acompanhando-as a Sinagoga Espírita, realizou-se o desejado Congresso no dia 5 de junho de 1947, reunindo mais de seis centenas de Sociedades Espíritas.

O Congresso tornou-se em acontecimento histórico e o Bom Senso venceu. Esse fator que presidiu à codificação da Doutrina foi o traço marcante de Allan Kardec. Esse mesmo Bom Senso será o critério da USE, o qual deverá presidir às suas atitudes direcionais e doutrinárias. Ele denota a sabedoria nas resoluções, o ponto de equilíbrio nas pendências em geral. Ao defrontar um problema de ordem social ou doutrinário o espírita conta com um critério seguro: o Bom Senso, que é o senso comum ou o senso da própria causa. Esse critério, que é patrimônio do Espiritismo, foi provado exaustivamente, ante as complexas e surpreendentes situações surgidas durante a elaboração da Doutrina, pelo genial Codificador.

O grande e transcendental feito do I Congresso foi a criação do organismo estadual de direção, reclamado pelo consenso geral e ratificado publicamente pelas três federações, que assumiram o sagrado dever de respeitar a voz do bom senso, para o bem e a dignidade da família espírita paulista.

A primeira gestão da USE, de três anos, foi uma fase de tentativas e ensaios. Alguns problemas espontâneos que a reclamar maior alcance dos dirigentes, perplexos diante das novas perspectivas do movimento espírita.

Abriu-se o II Congresso em 1950 ante a expectativa geral. Os congressistas compareceram em grande número e aguardavam ansiosos a palavra oficial que desse conta dos resultados da nova organização estadual.

Surgem proposições inesperadas visando profundas alterações administrativas.

Uma mentalidade nova imprimia decisiva influência ao plenário do II Congresso. Dir-se-ia um mal à primeira vista. Eram, entretanto, confrades conspícuos que lhe davam brilho.

Dividiram-se os congressistas em duas alas opostas quanto à interpretação dos rumos da USE.

Eram felizmente ambas respeitáveis. A anterior, que detinha as rédeas do movimento, liderada pela Federação, tinha um ponto de vista sóbrio e de ponderação impressionante; a outra corrente se caracterizava pelo espírito liberal e largueza de vistas. A primeira tinha preocupações radicais, enquanto a outra, inquieta, movia-se por um idealismo dinâmico.

Era a primeira prova a marcar a vida da USE. Uma espécie de instinto profético transpirava da nova corrente, por isso que se empenhara tenazmente por abalar a calma característica dos três primeiros anos.

Aconteceu na USE um fenômeno de psicologia social. As múltiplas correntes em choque do movimento espírita pré-USE, diante do alarma geral, uniram-se pelo temor, encolhendo o seu personalismo explosivo. No I Congresso as vezes ponderadas impuseram-se. Estava em causa a Doutrina, que é patrimônio comum a todos. O bom senso imperou, os grupelhos cederam e foi encontrada a solução. Mas não houve composição. Deu-se o fenômeno de mistura simples. Não havendo força coesiva estável os fatores divergentes aguardavam a oportunidade para explodirem. No II Congresso elevou-se uma voz discordante com traço de oposição. Tornou-se força e transformou-se em corrente pela adesão das opiniões afins.

Dois grandes alas opostas acomodam mil divergências. Cada uma polariza

grande número de opiniões ligadas por uma face semelhante. É claro que dentro de cada setor há divergências, porém estas são secundárias em relação à nova força. A duração de uma nova força depende muito da robustez do grande grupo ou da reforma em causa.

No fundo não passa de transformação do personalismo ferido. E um mal humano de muito poder, que cede na forma, mas resiste sempre.

O maior esforço da evangelização de Jesus foi no sentido de abalar as raízes do personalismo, promovendo a sua desagregação por cadeia através das reencarnações sucessivas.

O personalismo procura sempre novas formas para comprometer e destruir as grandes correntes quando estas começam a ameaçar-lhe a sobrevivência.

Encerrou-se o II Congresso com ponderáveis modificações nos quadros da USE. Novos elementos entraram para a sua direção, todos eles de valor incontestável. O fator divisão entretanto permaneceu em potencial, malgrado e veemente apelo formulado pelo novo presidente no sentido de confraternização geral. Iniciou a USE a sua segunda gestão enfrentando problemas cujas soluções não foram encontradas até o final desse exercício.

O III Congresso tinha uma missão a cumprir: reformar substancialmente a estrutura da USE para libertá-la das asfixiantes restrições que lhe foram impostas desde a origem.

Colocando-se outra vez à altura dos acontecimentos, a família espírita bandeirante uniu-se em torno do projeto de reforma dos Estatutos, apresentado pelos confrades de Caçapava.

Dois grandes grupos dividiram o plenário. Um com vistas na reforma dessassombreada e o outro pugnando pela transformação da USE em departamento federativo da Federação. Venceu a reforma, que melhor condizia com a dignidade do movimento espírita do Estado. A reforma da USE fundamentava-se nos grandes princípios de descentralização, de representação democrática com base nas sociedades espíritas em geral e de autoridade coletiva. A sua denominação passou a ser "União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo", conservando a sigla USE.

Foi assim encerrado o III Congresso Espírita Estadual, marcando mais uma vez a vitória do Bom Senso.

Durante os quatro primeiros meses após o histórico Congresso, os assessores designados pelo plenário percorreram todo o grande Estado e organizaram em cada localidade a União das sociedades espíritas locais, trabalho esse fundamental para a nova estrutura da USE.

Nos meses seguintes fez-se a divisão do Interior em doze regiões e da Capital em doze zonas.

Constituíram-se então os Conselhos Regionais Espíritas (C.R.E.) abrangendo os municípios do Interior e o Conselho Metropolitano Espírita (C.M.E.) abrangendo os distritos da Capital.

Os Conselhos Regionais formaram-se pela unificação das Uniãos Municipais Espíritas (U.M.E.) organizadas nas respectivas regiões.

Cada região fixou a sua sede na cidade principal, onde são realizadas as reuniões mensais dos Conselhos Regionais, cujas deliberações são executadas pela Comissão Executiva regional, eleita entre os seus conselheiros. O C.R.E. e a Comissão Executiva regional tratam das atividades da USE em sua região.

Quando ao Conselho Metropolitano, seus membros provieram das doze Uniãos Distritais, na proporção de dois representantes por união, eleitos dentre os seus conselheiros.

Pelo mesmo critério foi constituído o Conselho Deliberativo Estadual (C.D.E.), integrado pelos vinte e quatro representantes regionais e metropolitanos. Incorporaram-se ao Conselho Deliberativo Estadual mais oito conselheiros indicados pelas Sociedades patrocinadoras do I Congresso, isto é, as três federativas e a Sinagoga Espírita.

(Continua na pág. 5)

ADVERTÊNCIA IMPORTANTE E NECESSÁRIA

Disse o Espírito de Verdade a Kardec: "Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, qual imenso exército que se põe em marcha desde que para isso recebeu ordem, espalham-se sobre toda a superfície da Terra; semelhantes a estrélas que caem do céu, eles vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos povos. Eu vos digo: Em verdade são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas em seu verdadeiro sentido a fim de dissipar as trevas, confundir aos orgulhosos e glorificar aos justos."

Analisando-se essa mensagem, constata-se:

- 1.º) Que foram "as virtudes dos céus", os "Espíritos do Senhor", os agentes da revelação espírita ou da Terceira Revelação, como a denominou Kardec;
- 2.º) Que "os Espíritos do Senhor", os quais são, evidentemente, Espíritos colocados nas mais altas esferas evolutivas do planêta Terra, só entraram em ação, "qual imenso exército", depois que para tanto receberam ordem, ordem essa que só poderia ser emanada da suprema direção planetária;
- 3.º) Que esses "Espíritos do Senhor" trazem a tarefa precípua de "iluminar os caminhos e abrir os olhos aos povos";
- 4.º) Que o movimento de reforma da civilização humana encetado pelos "Espíritos do Senhor" apresentou, desde o início, o caráter de universalidade e espontaneidade, apresentando-se aos homens, à revelia destes e até mesmo contra a sua vontade, o que dá ao movimento espírita o caráter de lei natural, de vontade de Deus manifestada na Terra para impulsionar a sua evolução;
- 5.º) Que não tem limites a amplitude desse movimento de reforma planetária, abrangendo todos os setores das atividades humanas, pois "todas as coisas devem ser restabelecidas em seu verdadeiro sentido, a fim de se dissipar as trevas";
- 6.º) Que o movimento encetado pelos "Espíritos do Senhor" é um movimento de iluminação espiritual, de ensinamentos positivos, de revelações progressivas visando esclarecer os homens em todos os campos de suas atividades;

7.º) Que esse movimento espírita é profundamente consciente e teve, desde o seu início, um plano previamente organizado nos altos círculos orientadores do nosso orbe;

8.º) Que a revelação espírita veio no momento que o Alto julgou necessário e útil.

De todas essas considerações se infere que esse movimento espírita é o evento mais notável, mais extenso e mais útil que tenha agitado a Humanidade desde a vinda de Jesus. Daí também não é difícil inferir-se das enormes responsabilidades que cada criatura assume por aderir, conscientemente, a esse mesmo movimento de redenção espiritual.

O que o Alto deseja, pois, é ver implantada definitivamente na Terra a doutrina revelada pela Falange de Luz. Se não fôsse o desejo da Direção planetária, evidentemente ela não teria ordenado o referido movimento. É evidente que cada espírita ou núcleo espírita se liga à Direção planetária, no sentido de trabalhar para que a Doutrina Revelada seja difundida, exemplificada e implantada definitivamente na Terra.

Parece-nos que a tarefa do espírita se torna assim, desde o início, muito gloriosa e muito cheia de responsabilidades, visto ser ele porta-voz da Vontade Superior, trabalho esse a que o espírita se dedica não só para bem da Humanidade, mas outrossim para bem de sua própria evolução. Tornar-se espírita corresponde a um chamamento do Alto para uma tarefa especial, ingente, profunda, cheia de escolhos e de responsabilidades, mas que, quando realizada a contento, constitui talvez o mais importante impulso para a sublimação espiritual do homem.

Sendo adepto de uma doutrina de luz, o espírita tem a mente aberta e evita o sectarismo tanto quanto o fanatismo; estuda outras doutrinas espiritualistas e examina os movimentos ideológicos paralelos. Todavia o espírita correto procede muito prudentemente para não se desviar de sua rota doutrinária e de suas atividades sociais.

Tanto pela sua origem como pelo seu tema de estudos, não poderá haver doutrina mais completa e que mais satisfaça aos anseios de conhecimento e de expansão sentimental da criatura humana; para isso mesmo

a doutrina espírita já apresentou, desde os seus primeiros dias, o triplice aspecto de ciência, de filosofia e de religião.

A nosso ver o espírita pode e deve ser simpático a outras correntes de pensamento e a outros movimentos ideológicos que não o espírita, mas da simpatia à adesão vai uma distância muito grande, pois a adesão redundaria em mistura ou sincretismo doutrinário e em dispersão de energias e recursos que, muitas vezes, são necessários para o movimento espírita. Sendo adepto de uma doutrina completa como o Espiritismo, não se vê a necessidade do sincretismo doutrinário nem da adesão a outros movimentos ideológicos, pois tanto um como outro vêm, direta ou indiretamente, prejudicar ou debilitar o movimento genuinamente espírita. Demais acresce lembrar ainda que nós, os espíritas, estamos infinitamente longe de já termos realizado todas as tarefas que nos competem, tanto no setor do estudo e da difusão doutrinária, como no das atividades sociais; ora, se não cumprimos ainda o nosso dever dentro de nossa própria casa, por que motivo haveremos de aplicar os nossos já poucos recursos para a evolução e o progresso dos setores que não são os nossos!

Que os Confrades meditem sobre os movimentos paralelos ao Espiritismo a fim de não falsearem o passo nesta época de tanta confusão.

Não se trata de forçar a vontade dos espíritas. Ao contrário, o que se quer é o fortalecimento de sua vontade, como vero espírita, fruto da III Revelação, por meio do esclarecimento, como manda a Doutrina Espírita, doutrina apoiada pela razão científica, pela lógica e pelo bom senso.

Tais ponderações partem dos conselheiros e diretores da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, nesta hora responsáveis pela direção e unificação da família espírita, ante os perigos a que está sendo exposta a pureza da Doutrina codificada pelo missionário Allan Kardec.

O Espiritismo é o Consolador prometido ou anunciado pelo Cristo e cada espírita deverá pugnar decididamente pela preservação de seus princípios estabelecidos em suas obras fundamentais.

Sexto Congresso Espírita Estadual

A USE emitiu a circular n.º 5/22, do mês de março, que transcrevemos abaixo, endereçada aos Conselhos Regionais Espíritas, Conselho Metropolitano Espírita, União Municipal e União Distritais Espíritas, sobre a realização do VI Congresso Espírita Estadual, que se realizará nos dias 11, 12 e 13 de julho vindouro. Os órgãos da USE, acima citados, deverão remeter as respostas e dados, com a máxima urgência, à Secretaria Geral.

"Consoante resolução do Conselho Deliberativo Estadual da U.S.E., reunido a 9-3-1958, ficou, nos termos dos nossos Estatutos, convocado o SEXTO CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL para os dias 11, 12 e 13 de julho de 1958, com o fim de, em Assembléia Geral, tratar da seguinte

ORDEM DO DIA

- 1.º — Abertura dos trabalhos.
- 2.º — Instalação da Assembléia pelo Presidente da U.S.E..
- 3.º — Eleição e posse da Mesa Diretora dos trabalhos.
- 4.º — Aprovação do Regimento Interno do Congresso.
- 5.º — Apreciação do Relatório das Atividades da USE, e prestação de contas da gestão anterior.
- 6.º — Organização social — estrutura da U.S.E.
- 7.º — Estudos sobre as deliberações anteriores:
 - a) — Hora Radiofônica.
 - b) — Jornal Diário.
 - c) — Revista São Paulo Espírita.
- 8.º — Aspectos financeiros do Movimento de Unificação:
 - a) — Jornal "Unificação", sua divulgação e mantenedores;
 - b) — o selo da U.S.E., campanha objetiva em todo o Estado, no sentido de que todos os núcleos espíritas o incluam nas mensalidades de seus associados.
- 9.º — Estatutos — Propostas de alterações.
- 10.º — Posse do Conselho Deliberativo Estadual.
- 11.º — Eleição da nova Diretoria Executiva da U.S.E..
- 12.º — Aprovação das resoluções finais e encerramento.

O programa definitivo do Congresso será elaborado pela D.E. e difundido no Estado. Não obstante, pedimos notarem que, no dia 11 de julho de 1958, das 8,00 às 12,00 horas, na sede da U.S.E., serão recebidos os Srs. Congressistas para entrega das credenciais.

Alinda decorrente desta resolução, ficou decidido que, observando-se as disposições estatutárias, se cumprissem mais as seguintes decisões:

1.º — ASSEMBLÉIA GERAL DAS UNIÕES MUNICIPAIS E UNIÕES DISTRIATAIS ESPÍRITAS, em maio de 1958, para o fim precípua de:

- a) renovação dos mandatos dos Centros juntos às UMEs e UDEs;
- b) convocação dos novos representantes dos Centros para elegerem, entre si, os seus representantes (dois efetivos e dois suplentes) junto aos Conselhos Regionais e Metropolitano, bem como para a constituição de sua Comissão Executiva, que tomará posse por ocasião da instalação do Sexto Congresso, em 11-7-1958;
- c) comunicação à D.E., por escrito, da nova constituição desse órgão municipal ou distrital, indicando o nome e endereço das Sociedades componentes, assim como de todos os conselheiros (representantes dos Centros junto ao órgão) e membros da Comissão Executiva;
- d) remessa à D.E. do relatório das atividades, inclusive balancete econômico-financeiro, aprovado na Assembléia Geral;
- e) indicação de um seu representante (que deverá vir para São Paulo com credencial por escrito) para participar como elemento com direito a voto dos trabalhos do Sexto Congresso. Independentemente desse representante, os órgãos distritais ou municipais poderão participar do Congresso com outros representantes, formando representações, porém, sempre com direito a um só voto.

2.º — ASSEMBLÉIA GERAL DOS CONSELHOS REGIONAIS e METROPOLITANO, no mês de junho de 1958, tendo em vista:

- a) renovação dos mandatos da UMEs e UDEs junto aos CREs e CME;
- b) convocação dos representantes das UMEs e UDEs para, entre si, elegerem seus representantes (um efetivo e um suplente) junto ao Conselho Deliberativo Estadual, bem como para constituição de sua nova Comissão Executi-

va e corpo de assessores. Este corpo de assessores será formado por confrades residentes na cidade-sede do Conselho Regional, para atender às exigências de ordem administrativa do movimento regional;

- c) comunicação à D.E., por escrito, do nome da atual cidade-sede e das demais cidades integrantes da região, bem como do nome e endereço dos conselheiros, diretores e assessores;
- d) remessa à D.E. de relatórios circunstanciados das suas atividades, inclusive balancete econômico-financeiro, aprovado pela Assembléia Geral;
- e) instrução para comparecimento de seus representantes ao Sexto Congresso, para a solenidade de posse como membros do Conselho Deliberativo Estadual da U.S.E.

Recomendamos observarem rigorosamente o cumprimento das resoluções acima, para que não haja prejuízo no estabelecimento dessas mesmas resoluções em todo o Estado, e não reflitam na boa organização do Sexto Congresso Espírita Estadual. Portanto, os órgãos municipais e distritais, no decorrer do mês de maio, deverão realizar sua Assembléia Geral; e os Conselhos Regionais e Metropolitano deverão fazê-la no decurso do mês de junho, de tudo dando pronta informação à Diretoria Executiva da U.S.E., em São Paulo, no mais tardar até o dia 20 de junho de 1958.

Lembramos, ainda, que o mandato dos senhores conselheiros e diretores é de dois anos, coincidindo com os períodos de realização dos Congressos Espíritas Estaduais.

Pedimos, ainda, aos Conselheiros Regionais, Metropolitano, União Municipal e União Distritais, bem como às sociedades espíritas adesas, que se preparem para tomar parte ativa no Sexto Congresso Espírita Estadual, constituindo delegações de confrades para representá-los, examinando desde já os assuntos objetos do Congresso, e, se considerarem oportuno, encaminhando, antecipadamente, por escrito, à Diretoria Executiva da U.S.E., suas sugestões, recomendações, proposições, etc..

Certos de que, como nós, os caríssimos irmãos compreenderão a conveniência e necessidade de que todas as decisões da Assembléia consultem e atendam aos interesses de todos, e para que o SEXTO CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL se revista da significação e do brilhantismo que lhe são devidos, esperamos que não sejam poupados esforços para a execução das recomendações acima".

CONTRADIÇÕES APARENTES

As 'penas eternas' nos Evangelhos

IV

Luís Monteiro de Barros

Nos Evangelhos se depara, a dois por três, com expressões e com afirmativas que nos mostram, claramente, que a salvação virá para todos, entendendo-se por salvação a libertação espiritual.

O homem ignorante ou o renitente no erro vive nas trevas porque vira as costas para a vontade de Deus, que é luz; de costas para a luz ele, por si mesmo, devido a essa posição assumida, provoca sombra diante de si, a sua própria sombra, a sombra da sua ignorância ou da sua rebeldia. É preciso que vivamos voltados para Deus, para a Sua vontade. Jesus veio para nos ensinar qual é a vontade de Deus, como o Pai deseja que cada um de nós viva para que nos asseguremos uma vida de felicidade permanente.

Vida é luz, é alegria, é discernimento; morte é treva, é sofrimento, é ignorância; todo o que vive contra a vontade de Deus está na morte, no sentido espiritual, e todo o que vive conforme a vontade de Deus está dentro da Vida.

Analisemos hoje esse tema evangélico: "Em verdade vos digo que o que ouve a minha palavra e crê n'Aquêle que me enviou, tem a vida eterna e não entra em juízo; pelo contrário, já passou da morte para a vida. Em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão." (João 5-24 e 25).

O texto é bem claro: Só entra em juízo o que não ouve a voz do Emisário de Deus. É natural que assim seja, pois juízo é condenação ao sofrimento e sofre somente o que desobedece ao plano divino, pelo qual a nossa felicidade nunca pode ser conquistada à custa da desgraça alheia; todas as vezes que o homem realiza sua felicidade através do sofrimento de seu semelhante, entra em juízo, sofre para retificar seus pontos de vista, seus processos de conquistar a felicidade. Quem não procede dessa forma na consecução de sua felicidade, esse não necessita retificação, julgamento, ou sofrimento.

Evidentemente, o verbo *ouvir* está empregado no texto no sentido de aceitar, de realizar, de aderir à idéia, e não apenas de ouvir com os ouvidos e não entender e nem aceitar com a inteligência e com a vontade.

Como a Terra é um planeta de precária evolução espiritual, todos ou a quase absoluta maioria dos que aqui evoluem são espíritos inferiores, ignorantes, teimosos no seu orgulho e violentos nos seus meios de conquistar a felicidade. Egoísmo e orgulho, diz-nos André Luís, são as características salientes dos homens da Terra. É por isso que todos nós vivemos "na morte" ou no "túmulo", segundo as expressões usadas no Evangelho.

Todos nós necessitamos "passar da morte para a vida".

O texto evangélico que comentamos está bem claro e completo, pois afirma que os que ouvirem a palavra de Jesus não entrarão em juízo, e que, "pelo contrário, já passaram da morte para a vida". Ora, se eles, que estavam nas trevas ou na morte, passaram para a vida porque resolveram seguir a conduta ensinada e exemplificada por Jesus, é evidente que os que permaneceram nas trevas ou na morte saíram dessa situação no dia em que também resolveram aderir à doutrina do Mestre; daí por diante não precisarão mais entrar em juízo ou sofrer.

Dando mais ênfase e certeza ao sentido do ensinamento, essa tradução desse texto apresenta o advérbio "já"; "já passaram da morte para a vida"; logo, os que ainda não passaram, passarão um dia. E quando será esse dia? Será, evidentemente quando, por seu próprio livre arbítrio, e pelas suas experiências na dor, resolverem aceitar o caminho que Jesus indicou para a consecução de sua felicidade permanente: a prática da solidariedade humana.

Portanto só permanecerão nas trevas, na morte, no sofrimento, os que quiserem; a porta da redenção está aberta para todos.

A segunda parte do texto também é bem clara no sentido da oportunidade de salvação para todos: "Dia virá em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão". Quer isso dizer que os que não querem concordar com a doutrina de Jesus hoje, acabarão por com ela concordar amanhã, sendo levados a essa nova tomada de posição pelos sofrimentos que aguardam todos os que vivem fora do espírito de fraternidade. Cumpre-se aí, como em todos os setores das atividades humanas, a lei de ação e reação ou lei de causa e efeito. Jesus se referiu de modo meridionalmente claro a respeito d essa lei quando ensinou que "a cada um será dado conforme as suas obras", e que "com a medida com que medimos seremos medidos". É exatamente esse princípio de justiça que forjará a alma pecadora a, mais cedo ou mais tarde, arrepender-se das atitudes tomadas em prejuízo de seus semelhantes, conduzindo-a assim, por deliberação própria, ao plano da fraternidade ou do amor.

A palavra de Jesus guarda o amadurecimento da inteligência e do sentimento humano para ser aceita e realizada; ela não tem pressa, pois tem a eternidade pela frente, visto como todos nós somos imortais; nós sim é que deveríamos ter pressa em aceitar o nosso modo de viver com aquele que Jesus nos ensinou e nos exemplificou; o interesse é todo nosso, porque a realização por nossa parte, da palavra do Mestre, é a porta de entrada definitiva no reino da paz, da alegria, da felicidade permanente.

Agora, mais do que nunca nesses dois mil anos que nos separam da palavra direta do Mestre, agora, mais que nunca, a sua palavra se faz de novo ouvir com o advento do Espiritismo, o qual, na qualidade de Consolador anunciado ou prometido, vem "restabelecer e completar" os seus próprios ensinamentos de há dois mil anos.

Aí está pois mais uma passagem evangélica a nos revelar que a salvação, no sentido de redenção espiritual, virá para todos, demorando mais ou menos tempo conforme o uso do livre arbítrio de cada um. Na realidade o sofrimento a que se submete a alma que age contra a vontade de Deus não é permanente; por mais rebelde que seja essa alma, chega um dia em que ela se cansa de sofrer; é então que, livremente, delibera mudar de rumo; adere ao plano de vida traçado por Jesus, e "passa da morte para a vida." É assim que ela, por livre determinação sua, realiza a vontade de Deus, que não é a condenação do ímpio, mas sim o seu arrependimento e a sua salvação.

(Continua)

Mensagem de Spinelli

(Recebida por Francisco Cândido Xavier, em março de 1958 e dirigida a um dos diretores da USE.)

A morte do corpo altera a moldura em que se nos expressa o quadro de serviço, contudo a tela do trabalho é sempre a mesma.

Aspirações que trazemos da vida humana nos afloram novamente ao ser, requisitando-se esforço, como também as dívidas do coração prosseguem numerosas, exigindo resgate e entendimento.

Ontem reclamávamos a paciência dos orientadores desencarnados para que nos suportassem os erros, aclarando-nos o caminho; hoje é preciso partilhar-lhes a preocupação e a responsabilidade, a esperança e o sofrimento íntimo, na vanguarda de luta, consagrados ao rude labor de servir, na frente da ação que nos compete desenvolver.

Aí costumamos ensinar segundo o conhecimento exterior... aqui, é indispensável aprender, na escola difícil da aplicação e do exemplo para que possamos ensinar sempre melhor.

Pudéssemos e materializar-nos-íamos em plena praça pública rogando aos companheiros de ideal solidariedade e união, de modo a atendermos, com segurança, aos objetivos sagrados de nossos princípios redentores... Fosse possível e assoprariamos para dentro do cérebro de cada irmão de luta a noção de nossos compromissos maiores, no campo do Espiritismo, apressando a vitória da nossa bandeira de recuperação espiritual, com a bênção do Cristo de Deus; entretanto, qual acontecia ontem aos nossos instrutores, é necessário nos atenhamos à paciência e à conformação, ao devotamento e à humildade, para que a nossa fé não esmoreça na construção de amor e luz em que nos achamos empenhados.

Não temos assim para ofertar-lhe senão o apêlo à consciência, no avanço gradativo de nossa realização com vistas ao progresso da Humanidade, que define a nossa evolução em si mesma, motivo por que, falando pelos companheiros presentes e por nós, esperamos não se lhe empalideça a fibra de batalhador da unificação e da disciplina, da fraternidade e da paz no Templo em que oficiamos, tomando por altar o próprio coração, na incessante reforma espiritual de nós mesmos, diante do Senhor.

Consideramos também de suma importância a obra de assistência à infância, porque a criança de agora é o alicerce do porvir.

Sem dúvida é imperioso socorrer os famintos e os nus, os necessitados e os doentes do grande caminho humano; contudo, não podemos realmente esquecer o impositivo da caridade em favor do espírito infantil, suscetível de ser igualmente interpretado à feição do enfermo da parábola, que, desprezado pelas autoridades do Mundo, espera o concurso daquele samaritano de alma simples, em cujo coração a bondade encontrará justo asilo. Obedecemos, sim, ao convite silencioso do Alto a fim de que se nos volte a atenção e se nos enraíze o interesse emotivo, num amparo aos pequeninos relegados à ignorância e tantas vezes ao abandono moral. Esse é também o estandarte da Caridade viva, dirigindo à recomposição dos valores da vida, na fonte em que a vida se retoma para satisfazer aos seus mais altos destinos.

Consagrar-nos-emos à criança, estendendo-lhe os talentos da alma, na educação do sentimento em nome do Mestre Divino, ou, mais uma vez, submergir-se-á o homem nas crises paavorosas da supermentalização sem rumo, através da qual a inteligência facilmente se transvia, perseguindo sombras e vantagens perversas.

Trabalhamos pois com aquela alegria que sempre nos marcou o encontro na obra a edificar.

Somos muitos, integramos aquela caravana de operários que, chamados à revivescência do Evangelho, em nossa Doutrina de Amor, a Ele nos cabe hipotecar as nossas melhores forças até que a tarefa se cumpra, luminosa e integral.

Spinelli

A F E I R A D A S N A Ç Õ E S S / A
COMERCIAL E IMPORTADORA

OFERECE, PARA AS FESTAS DE FIM DE ANO, SUGESTIVAS CESTAS DE NATAL, AO ALCANCE DE TÓDAS AS BOLSAS

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 14 — LARGO DO OUVIDOR, 7

Sua
contribuição

pró-
Unificação

PÁGINAS REVIVIDAS

A HORA FINAL

Léon Denis

Que se passa no momento da morte, e como se desprende o Espírito da sua prisão material? Que impressões, que sensações o esperam nessa ocasião temerosa? É isto o que interessa a todos conhecer, porque todos fazem essa jornada. A vida nos foge a toda instante: nenhum de nós escapará à morte.

Ora, o que todas as religiões e filosofias tinham deixado ignorar, os Espíritos, em multidão, no lo vêm ensinar. Dizem-nos que as sensações que precedem e seguem a morte são infinitamente variadas e dependentes sobretudo do caráter, dos méritos, da elevação moral do Espírito que abandona a Terra. A separação é quase sempre lenta, e o desprendimento da alma se opera gradualmente. Começa algumas vezes muito tempo antes da morte, e só se completa quando ficam rotos os últimos laços fluidicos que unem o corpo ao perispírito. A impressão sentida pela alma é tanto mais penosa e prolongada quando esses laços são mais fortes e numerosos. Causa permanente da sensação e da vida, a alma experimenta todas as comições, todos os despedaçamentos do corpo material.

Dolorosa, cheia de angústia para uns, a morte não é para outros senão um sono agradável seguido de um despertar silencioso. O desprendimento é fácil para aqueles que previamente se desligou das coisas deste mundo, para aqueles que aspira aos bens espirituais e cumprir os seus deveres. Há, ao contrário, luta, agonia prolongada, no Espírito preso à Terra que só conhece os gozos materiais e deixou de se preparar para essa viagem.

Entretanto, em todos os casos, a separação da alma e do corpo é sempre seguida de um tempo de perturbação, fugitivo para o Espírito justo e bom, que desde cedo despertou ante todos os esplendores da vida celeste; muito longo, a ponto de abranger anos inteiros, para as almas culpadas, impregnadas de fluidos grosseiros. Grande número destas últimas crêem estar na vida corpórea, muito tempo mesmo depois da morte. Para estas o perispírito é um segundo corpo carnal, submetido aos mesmos hábitos, e algumas vezes das mesmas sensações físicas como durante a vida terrena.

Outros Espíritos de ordem inferior se acham mergulhados em uma noite profunda, em um completo insulamento no seio das trevas. Sobre eles pesa a incerteza, o terror. Os criminosos são atormentados pela visão terrível e incessante das suas vítimas.

A hora da separação é cruel para o Espírito que só acredita no nada. Agarra-se como desesperado a esta vida que lhe foge; no supremo momento se lhe insinua a dúvida; vê um mundo temível abrir-se para abismá-lo, e quer então retardar a sua queda. Daí, uma luta terrível entre a matéria, que se esvai, e a alma que teima em reter esse corpo miserável. Algumas vezes ela fica presa até à decomposição completa, e mesmo sente, segundo a expressão de um Espírito, "os vermes lhes corroem as carnes".

Pacífica, resignada, alegre mesmo, é a morte do justo, a partida da alma que, tendo muito lutado e sofrido, deixa a Terra confiante no futuro.

Para esta, a morte é a libertação, o fim das provas. Os laços enfraquecidos, que a ligam à matéria, destacam-

se docemente; sua perturbação não passa de um leve enorpecimento semelhante ao sono.

Deixando sua residência corpórea, o Espírito vê sua existência passada recuar, afastar-se pouco a pouco com seus amargores e ilusões, depois dissipar-se como as brumas que a aurora encontra estendidas sobre o solo e que a claridade do dia faz desaparecer. O Espírito acha-se então como que suspenso entre duas sensações: a das coisas materiais que se apagam, e a vida nova que se desenha na sua frente. Entrevê esta vida, como através de um véu, cheia de encanto misterioso, t'inda e desejada ao mesmo tempo. Breve a luz se aumenta, não mais a luz solar que nos é conhecida, porém uma luz espiritual, radiante, por toda parte espalhada. Pouco a pouco o inunda, o penetra, e com ela, um tanto de vigor, de remocamento e de serenidade. O Espírito mergulha nesse banho reparador. Ai se despoja de suas incertezas e de seus temores. Depois, seu olhar destaca-se da Terra, dos séres lacrimosos que cercam seu Lito mortuário, e dirige-se para as alturas. Divisa os céus imensos e outros séres amados, amigos de outrora, mais jovens, mais vivos, mais belos que vêm recebê-lo, guiá-lo no seio dos espaços. Com eles caminha e sobe às regiões etéreas que seu grau de depuração permite atingir. Cessa então sua perturbação, despertam-se facultades novas, começa o seu destino feliz.

A entrada em uma vida nova traz impressões tão variadas quanto o permite a posição moral dos Espíritos. Aquêles — e o número é grande — cujas existências se desenrolam indelicadas, sem faltas graves nem méritos assinalados, acham-se a princípio mergulhados em um estado de torpor, em um acobrunhamento profundo; depois um choque vem sacudir seu ser. O Espírito sai lentamente e de seu introito como uma espada da bainha; recobra sua liberdade, porém, hesitante, tímido, não se atreve a usar dela ainda, e fica preso pelo temor e pelo hábito aos laços em que viveu. Continua a sofrer e a chorar com os entes que o estimaram em vida. Assim corre o tempo, sem ele o medir; depois de muito tempo, outros Espíritos o auxiliam com seus conselhos, ajudam a dissipar sua perturbação, a libertá-lo das últimas cadeias terrestres e elevá-lo para meios menos obscuros.

Em geral, o desprendimento da alma é menos penoso depois de uma longa moléstia, pois o efeito desta é desligar pouco a pouco os laços carniais. As mortes súbitas, violentas, sucedendo quando a vida orgânica está em sua plenitude, produzem sobre a alma um despedaçamento doloroso e a lançam em uma perturbação prolongada. Os suicidas são vítimas de sensações horríveis; experimentam, durante anos, as angústias do último momento e reconhecem, com espanto, que não trocaram seus sofrimentos terrestres senão por outros ainda mais vivazes.

O conhecimento do futuro espiritual, o estudo das leis que presidem à desencarnação, são de grande importância como preparativos da morte. Podem suavizar os nossos últimos momentos e nos proporcionar fácil desprendimento, permitindo nos reconhecermos mais depressa no mundo novo que se nos abre.

PELO MUNDO

Inglaterra

Era a voz de um Espírito?

Excerto de "Psychic News" de 29-6-57. Tradução de Benedito Fernandes Viana).

"Duas mulheres, morando sessenta milhas distantes uma da outra, dizem ter ouvido uma voz estranha — que reconheceram ser uma amiga mútua, clamando: 'Venham procurar-me, venham procurar-me!'"

Em cada casa o apêlo, que parece ter sido a voz de um espírito, era tão forte que ambas as mulheres decidiram tomar contacto com a polícia.

A ação conjunta das duas levaram a polícia a ir dar no apartamento fechado de sua amiga, Mrs. Doris Harrison, em Dagmar Gardens, Kensal Rise, Londres — para encontrá-la assassinada e dentro de um armário.

A primeira mulher a ouvir a voz, Miss Mavis Welch, vivia a uma milha de Dagmar Gardens apenas, onde o corpo foi encontrado. Não tinha notícias de Doris e pensava que ela poderia ter saído em visita a seus pais em Southampton.

Então, no sábado, escutou a voz de Doris: "Venha e me procure, Mavis. Eu faria o mesmo por você."

Entrementre, Mrs. Mrytle Hughes tinha vindo para Londres de Haywards Heath, sessenta milhas de distância, em Sussex. Ela, também, tinha ouvido a voz, suave e clara, que decidiu visitar Miss Welch. As duas mulheres decidiram ir a Harrow Road Police Station e comunicar seus receios.

Uma policia-feminina foi ao apartamento, mas as suas batidas na porta não eram atendidas. Então os detetives forçaram a entrada e encontraram o corpo de Mrs. Harrison num armário debaixo da escada. Tinha graves contusões na cabeça."

SÃO PAULO

Matão

José da Costa Filho

Desencarnou em Matão o nosso Confrade José da Costa Filho, elemento de valor nas hostes espiritistas.

José da Costa Filho era um autôdida, espírito da velha guarda e a sua projeção no meio espírita se deve unicamente aos seus esforços de homem trabalhador e de estudos. Juntamente com os seus estimáveis companheiros daquela cidade paulista, dirigiu, com bom senso e agrado, o jornal O CLARIM e a REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO.

Ao confrade desencarnado as nossas vibrações de paz e progresso espírita.

ELEIÇÃO DE DIRETORIA

A União Distrital Espírita da III Zona nos comunica a eleição da nova Diretoria da União da Mocidade Espírita de Casa Verde, na Rua Urandi, 65, em Casa Verde, que ficou assim constituída:

Presidente, Luis Henrique Sass; Vice, Harry Rodrigues da Silva; 1.º secretário, Romeu Viótti; 2.º secretário, Herminia da Silva; 1.º tesoureiro, Helio Angelo Cintra; Diretor de Estudos, Benedito Ambrósio Henriques; Diretor de Propaganda, Walter Mittelstaedt; Diretor Social, Valda Lusía Vidótti; Bibliodiscotecária, Dilmá Nice.

UDE DE OSASCO
XIV ZONA DISTRITAL

A União Distrital Espírita da XIV Zona, com sede em Osasco, convida o público espírita para a solenidade em homenagem ao benemérito Codificador Allan Kardec, no dia 27 de abril de 1958, às 15 horas, no salão do Clube Atlético de Osasco, na rua Erasmo Braga, 978 — Presidente Altino.

— A UDEO irá distribuir um folheto de divulgação dos princípios da Doutrina e a biografia do seu fundador.

Recebemos o seu convite, um pequeno trabalho de 4 páginas, onde temos trechos extraídos de autores consagrados, revelando OSASCO espírita bom gosto e critério doutrinário.

SOCIEDADE DE ESTUDOS ESPÍRITAS DE PRESIDENTE PRUDENTE

Por decisão de sua Assembléa Geral realizada a 26 de janeiro de 1958, a União Espírita Municipal de Presidente Prudente resolveu trocar a sua denominação para SOCIEDADE DE ESTUDOS ESPÍRITAS DE PRESIDENTE PRUDENTE, conforme publicação feita no Diário Oficial do Estado. (Não se trata da União Municipal Espírita — UME).

Ainda em Assembléa realizada a 30-3-1958, foi eleita e empossada a nova Diretoria: presidente, Samuel Pereira do Lago; vice-presidente, Mauro Bueno de Campos; 1.º secretário, Geraldo Bueno de Campos; 2.º secretário, D. Elza Albiéri; 1.º tesoureiro, Martinho Mendes Pereira; 2.º tesoureiro, Jaime de Almeida; Conselho Fiscal: Manuel Leite, Nicolau Bazan e João Ladeira.

C. E. "JOAQUIM CARLOS GARCIA"

Altair — E. São Paulo

Em Assembléa Geral realizada a 5 de março de 1958, foi eleita e empossada a nova diretoria do Centro Espírita "JOAQUIM CARLOS GARCIA", na cidade de Altair, composta dos seguintes confrades: presidente, José Garcia de Sousa; vice-presidente, João Antunes de Paula; 1.º secretário, João do Prado; 2.º secretário, Lázaro Rodrigues de Sousa; 1.º tesoureiro, Waldemar de Sousa; 2.º tesoureiro, Cândido Luís Vilela.

UNIÃO DA MOCIDADE ESPÍRITA DE CASA VERDE — Capital

Comemorando o seu 3.º aniversário de fundação, a União da Mocidade Espírita de Casa Verde realizou no dia 30 de março de 1958, em sua sede na Rua Urandi n.º 65, no bairro de Casa Verde, nesta Capital, significativas solenidades.

Empossou-se a diretoria, que deverá dirigir as tarefas daquele núcleo espírita, durante o período de abril de 1958 até março de 1959, assim constituída: presidente, Luis Henrique Sass; vice-presidente, Harry Rodrigues da Silva; 1.º secretário Romeu Viótti; 2.º secretário, Herminia da Silva; 1.º tesoureiro, Rômulo D'Estácio; diretor de estudos, Benedito Ambrósio Henriques; diretor social, Valda Lusía Vidótti; diretor de propaganda, Walter Mittelstaedt e bibliotecária, Dilmá Nilce Monteiro.

Sua
contribuição

I N D Ú S T R I A S S A N S ã O S. A.
E S C R I T Ó R I O S E F Á B R I C A
RUA DAS JUNTAS PROVISÓRIAS, 1027 — TELEFONES: VENDAS 63-2367 — GERÊNCIA 63-5101 (Rêde Interna)
CAIXA POSTAL, 12.345 — END. TELEGRÁFICO "SANSÃO" — SÃO PAULO

pró-
Unificação

UM GRANDE AVANÇO NA UNIFICAÇÃO

E. Manso Vieira

Durante 10 anos, os trabalhos de unificação realizados pela USE já se evidenciam de maneira promissora. Quem percorre o Interior do Estado sente uma atmosfera de mais tranqüilidade, compreensão e harmonia nos arraiais espiritas. As concentrações regionais e municipais têm sido um atestado vivo da fraternidade que começa a produzir frutos. A aproximação entre os centros, que outrora viviam isolados, já anuncia um futuro de entrosamento. Muitos Dirigentes de Centros, receosos de perderem seus postos, num excesso de zelo pela entidade considerada a única razão de ser de suas lutas, olhavam a USE como se olha para um bicho-papão. Julgavam que alguém pretendia instituir um papado no Espiritismo ou convertê-lo em um movimento destinado apenas aos intelectuais. Esta falsa concepção do movimento parava em muitos ambientes. Não era de se estranhar que tais atitudes fossem tomadas pelos dirigentes de Centros, que dedicavam o melhor dos seus esforços na manutenção de suas entidades construídas quase sempre à custa de sacrifícios. Hoje, finalmente, todos sabem que a USE não é o que muitos supunham. Já a conhecem e sabem qual a sua intenção no campo unificador dos espiritas. Podemos expressá-la na fraternidade reinante entre os confrades quando se reúnem em Semanas Espíritas, onde todos vivem momentos de verdadeira alegria espiritual.

Nessas reuniões nós nos conhecemos mais de perto, entrelaçamos os nossos sen-

timentos aumentando a nossa amizade. A nossa família espirita se dilata, novos irmãos são agregados ao nosso convívio e nos sentimos mais amparados, fortalecendo-nos mutuamente e engrandecendo os nossos campos de atividades. Dos entendimentos, oriundos da amizade que se alicerça, surgirão por certo um amadurecimento doutrinário mais sólido e um desejo de se praticar a Doutrina nos moldes em que ela foi codificada. Essa é a tarefa principal da USE, aproximar e harmonizar os elementos da Doutrina. Muito embora as dificuldades surgidas, ela tem realizado essa tarefa. Tem demonstrado que no Espiritismo não há papas, que não tem donos e só obedece a uma hierarquia que é aquela que emana da Codificação. A USE não é a sua Diretoria, mas é o movimento espirita do Estado inteiro que se corporifica numa demonstração evidente de compreensão e solidariedade. Integrar-se nesse movimento é um dever de todos os espiritas que amam a concórdia e a confraternização. Viver alheio a ele é demonstrar a tendência ao isolacionismo e fugir ao imperioso dever da confraternização tão bem definida nas obras básicas da nossa Doutrina. A USE tem espalhado a semente da unificação, se muitas vezes ela tem caído nos terrenos pedregosos, há entretanto, uma parte que encontrou a fertilidade dos entendimentos e a seara vai se tornando revestida dos matizes esperançosos, que prenunciam uma boa colheita.

Convocação para o VI Congresso Espírita Estadual

De conformidade com a comunicação feita em nossa Circular n.º 5/22, de 10 de março, a USE, dando cumprimento às determinações estatutárias, está convocando o VI CONGRESSO ESPÍRITA ESTADUAL para a renovação dos seus órgãos diretivos, posse do novo Conselho Deliberativo Estadual e eleição da Diretoria Executiva para o exercício de 1958/1960.

Foram designados os dias 11, 12 e 13 de julho vindouro para a realização da referida Assembléia, sendo que a abertura dos trabalhos será às 8 horas da manhã do dia 11, na sede da USE, à rua Santo Amaro n.º 362, quando serão entregues as credenciais às delegações.

Esperamos, assim, que os dedicados dirigentes dessa operosa União já tenham tomado todas as providências solicitadas pela circular acima referida. Transcrevemos abaixo os assuntos constantes da "Ordem do Dia" para o Congresso, a fim de que, após estudá-los, possam os dirigentes dessa União transmitir instruções a seus representantes para que sobre eles opinem e deliberem com justeza.

ORDEM DO DIA

- 1.º — Abertura dos trabalhos.
- 2.º — Instalação da Assembléia pelo Presidente da USE.

CAMPANHA DO SÊLO DA USE

O C.M.E. lança memorável campanha de esclarecimento sobre o sentido e a finalidade do Sêlo da USE.

Recebemos a circular abaixo transcrita:

"O Conselho Metropolitano Espírita, em data de 6 de abril p. futuro, às 20,00 horas, no salão da Federação Espírita do Estado de São Paulo, fará o lançamento da CAMPANHA DO SÊLO DA USE, que, permanentemente, desenvolverá em toda a capital paulista, com o concurso das Uniãos Distritais, de centenas de Sociedades Espíritas, e mais as entidades inicialmente patrocinadoras do Movimento de Unificação.

O escopo principal dessa Campanha é a difusão e maior colocação do sêlo da USE junto aos espiritas da Capital e de todo o Estado de São Paulo.

Para este fim, o Conselho Metropolitano fará realizar, na Capital de São Paulo, centenas de reuniões, difundindo,

esclarecendo, desenvolvendo este trabalho, e solicitando objetivamente o seguinte:

- a) a solidariedade de todas as sociedades espiritas de São Paulo;
- b) a resolução de todas as sociedades espiritas no sentido de que seja ADICIONADO (colado no verso) nos recibos de seus sócios, MENSALMENTE, UM SÊLO DA USE, e solicitada das mesmas, para cobertura desse sêlo, a importância de Cr\$ 1,00.
- c) o trabalho de esclarecimento, por parte das direções de todas as sociedades espiritas, da importância e significação do sêlo da USE.

Dirigindo, pois, a presente a esse órgão, o nosso intento, além de convidá-lo para se representar oficialmente na solenidade de lançamento da CAMPANHA DO SÊLO, é de solicitar o seu concurso permanente na divulgação e

(Continua na pág. 6)

CORPO E MATÉRIA

J.

O nosso corpo é matéria: decompõe-se, multiparte-se, porém nunca se aniquila, num sentido científico, totalmente. Os seus elementos constituidores mudam apenas de função, nome e lugar.

É matéria e como matéria se acha disseminado na terra, na água e no ar, indo dar forma ou vida, por combinações físico-químicas, a novos produtos.

Ensina o Dr. Ed. Bertholet:

"A veste terrestre da alma, que é o nosso corpo mortal e transitório, é tomado dos três reinos da Natureza e esse corpo vivo, porém mortal, é a última escala de evolução das moléculas e das células materiais".

O corpo animal, prelecionam os entendidos, quando exposto às influências do ar, da água ou de uma temperatura medianamente alta, fica sujeito a uma série de combinações químicas, que o transformam em ácido carbônico, amoníaco, azoto, água e outras substâncias gasosas ou sólidas.

O "gás azótico (escreve Louis Figuier), o ácido carbônico, o ácido sulfúrico, o amoníaco, bem como o vapor de água,

sobem à atmosfera, ou se dissolvem na umidade do terreno. Se são dissolvidos na água banhada do Sol, são absorvidos pelas raízes das plantas que vivem nesse lugar. Se são esparramadas na água, a água das chuvas os dissolverá, trazendo-os à terra. O amoníaco e o ácido carbônico dissolvidos na água impregnada de Sol, embaraçam-se pelas raízes nos canais das plantas, servindo-lhes de nutrição".

O corpo humano, prossegue Figuier, nada mais faz do que seguir as leis comuns da Natureza. Aquilo por que ele passa — passa igualmente a substância organizada, vegetal ou animal, sujeita às "influências reunidas do ar, da água e de uma temperatura medianamente alta".

Um trapo qualquer ou uma semente ou um fruto não deixam de fermentar e, como o nosso corpo, se transforma em novas substâncias.

A putrefação, que, segundo o crê Schamenstein, só se verifica em temperaturas inferiores a 0º e superiores a 60º, é causada pelos germes anaeróbios. Invadem o cadáver (quando é o caso) pelos intestinos ou pela pele.

CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL

PRINCIPAIS RESOLUÇÕES TOMADAS NA REUNIÃO DE MARÇO DE 1958

- 1 — Aprovação do relatório das atividades da Diretoria Executiva, referente ao trimestre de dezembro de 1957 a fevereiro de 1958.
- 2 — Convocação do Sexto Congresso Espírita Estadual para os dias 11, 12 e 13 de julho de 1958, nesta Capital.
- 3 — Aprovação, em princípio, da idéia de ampliação dos quadros da USE criando novos setores de unificação.
- 4 — Editar a obra de Gabriel Delanne, "Recherches sur la Médiunité", traduzida pelo Confrade João Teixeira de Paula, como estréia da USE no setor editorial.
- 5 — A formação de uma comissão de seis Conselheiros não pertencentes à D.E., sendo dois da Capital e quatro do Interior, para apresentar uma chapa da nova D.E. da USE, como sugestão para a Assembléia Geral a reunir-se no próximo mês de julho.
- 6 — Convidar diretores do Clube dos Jornalistas para uma reunião com a D.E., a fim de fraternalmente esclarecê-los relativamente à resolução de a USE não tomar conhecimento oficial do chamado "Congresso brasileiro de jornalistas espiritas".

A MARCHA DA UNIFICAÇÃO

(Continuação da pág. 1)

Composto o mais alto Conselho da USE, este foi convocado para a sua memorável solenidade de instalação, comparecendo todo o Estado, pioneiro da unificação organizada do movimento espirita e, finalmente, eleita a Diretoria Executiva da USE dentre os trinta e dois Conselheiros integrantes do Conselho Deliberativo Estadual, considerando-se ainda outros tantos suplentes elegíveis, conforme a letra dos estatutos já em pleno vigor.

Descrevendo a reforma da USE, pela qual se tornou hábil para cumprir as suas finalidades, visamos ressaltar os esforços do organismo unificador, a sua vitalidade, a sua legitimidade e o seu fundamentado empenho em congregar todas as forças organizadas do amplo e complexo movimento espirita estadual.

Quem tiver o cuidado de fazer sério exame da segunda parte do segundo exercício da USE, chegará à conclusão forçosa de que estava ela com os seus passos travados irremediavelmente.

Chegamos ao final desse exercício, encerrado em junho de 1952, com uma USE atrofada. Estava licenciado o seu presidente que seguira em missão diplomática à Europa e praticamente ausentes outros diretores. Apenas o secretário-geral se manteve no posto, tratando da convocação do terceiro Congresso.

Citamos aquela desagradável situação da USE, aliás ligeiramente, sem visar as pessoas. Afinal de contas tudo aconteceu sem reservas e é do domínio público. Somos testemunha das repetidas tentativas desenvolvidas pelo ilustre segundo-presidente da USE para eliminar a causa do mal que ameaçava o movimento de unificação.

Os nossos atos sociais são, certos ou

errados, experiências que podem ser analisadas sem que isso se tenha como hostilidade. Nossa posição nestas colunas é bem conhecida. Temos observado a sobriedade e o respeito nas críticas e as fazemos visando os fatos e não as pessoas. Estas se mudam e podem reprovar seus próprios atos passados, vistos mais claramente no presente. Há exemplos desta ordem e os haverá ainda, graças às evoluções humanas. A isso não há fugir. É mesmo do homem.

A USE, entretanto, que nasceu do consenso geral, de sã e amadurecida vontade, devia sobreviver. É o melhor que o Espiritismo brasileiro produziu, como legítima expressão do sentimento coletivo, por isso que honra a nobre família espírita paulista. Disciplinou as opiniões em conflito, pôs ordem nas atividades sócio-doutrinárias e estabeleceu efetivas relações entre as Sociedades Espíritas, unificando todo o Estado.

O Mundo, que nos observa, pode julgá-los. Temos o nosso sistema diretor e de unificação para ser apresentado como fruto da nossa compreensão sobre problemas sociais.

É uma organização superior, completa, de essência democrática, de cunho pessoal e está funcionando regularmente.

É um organismo sadio e inatacável por quem o examine criteriosamente. A crítica, se imparcial, poderá ressaltar a sua viabilidade e a grandeza da sua concepção; constatará a sua origem superior, o seu espírito de justiça e sinceridade; verá as suas harmoniosas linhas estruturais e nelas descobrirá a genuína substância democrática, que o Mundo há mais de um século procura; Herberto de traços espíritos e dos preconceitos comuns às sociedades atuais.

Assistência Social e Educação

TESE APRESENTADA AO CONGRESSO REGIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DO
CONSELHO REGIONAL ESPÍRITA DA 4.ª REGIÃO, PELA UNIÃO MUNICIPAL
ESPÍRITA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Na realidade, é preciso convir, estamos atravessando uma fase histórica do Mundo em que grandes transformações se processam, marcando uma etapa nova na evolução da humanidade. Dessa forma, antigos preceitos vão sofrendo alterações substanciais em sua estrutura, reclamando medidas novas que possam melhor atender aos interesses coletivos. Como não podia ao contrário ser, o Espiritismo, como doutrina essencialmente evolutiva, tendo como base o progresso, acompanhou essa evolução, dada a sua própria fórmula doutrinária, não sofrendo abalo em sua estrutura básica. Assim sendo, no vasto campo de assistência social em que se desdobram as atividades espíritas, impõe-se atualmente que as vistas sejam voltadas para um outro aspecto dessa mesma assistência social, para que não sejam perdidos os frutos do grande e imenso trabalho até hoje efetuado. Não queremos desprestigiar o vasto campo em que se tem desenvolvido o trabalho de assistência, mantida pelos espíritas e outro é nosso objetivo, ou seja, procurar uma fórmula, mediante a qual melhores sejam os resultados dos esforços despendidos nesse setor.

Como é notório, se não procurarmos uma solução adequada para as dificuldades que se apresentam no sentido de construção de um mundo melhor, mais espiritualizado, estaremos, pelos séculos afora, preocupados com a construção de asilos, albergues etc., sem que nada de positivo se tenha conseguido, que venha abrir possibilidades de novas conquistas para a humanidade, permitindo que a palavra caridade seja compreendida na legítima acepção do termo, não como uma coisa vaga e sem maior relevância nos destinos do mundo, ou seja as idéias de fraternidade unindo as classes e os povos, cada indivíduo consciente de suas responsabilidades, dos seus direitos e dos seus deveres. Como sabemos, é de suma importância o papel a ser representado pelo Espiritismo na evolução humana, mercê da predestinação divina como o Consolador prometido pelo Cristo, numa hora em que as diversas escolas religiosas se afastam da árvore que lhes deu origem, para se preocuparem com o domínio material do mundo. Por essa mesma razão nos encontramos numa época em que uma transformação radical está sendo exigida em nossos métodos de assistência, abrindo novos caminhos ao conhecimento, deixando aos outros, ainda não capacitados para maiores empreendimentos, essa faceta daquilo que vulgarmente se convencionou chamar Caridade. Por outro lado, releva notar, que o mais ardoroso batalhador do Cristianismo, em sua primitiva pureza, o apóstolo dos gentios, o convertido de Damasco, deu à Caridade uma magnificência de amplitude tão vasta, que vai muito além daquilo que conhecemos com essa denominação. É interessante observar, que o Codificador, ao dar ao Espiritismo o lema — Fora da Caridade não há salvação — tomou como ponto de referência essa mesma observância de Paulo, que vem colocada no Evangelho segundo o Espiritismo, vindo-se, por aí, o profundo alcance que a mesma representa. O insigne codificador do Espiritismo vai mais além, afirmando que a evolução humana só poderá processar-se do indivíduo para a coletividade, condenando, desse modo, a visão utópica dos que pretendem a modificação da ordem social pelos processos da violência e colocou o problema educacional em primeiro plano nessa mesma escola de evolução, acima mesmo da própria instrução. O pensamento de Allan Kardec, voltado para o futuro, teve por mira abrir novos caminhos ao entendimento, pois que, com a obra educacional espírita, com mais amplos conhecimentos sobre a origem humana, a humanidade encontrará uma trilha de esperança, encontrando, no futuro, a solução razoável e lógica dos problemas que a afligem, sejam eles de que origem

forem. No entanto, que se tem feito até hoje nesse setor de tão relevante alcance? Quase nada. A mocidade e infância espíritas, em cujos destinos se encontram os próprios destinos dos povos, se vêem forçada a frequentar escolas de orientação dogmática, pois à sombra do ensino religioso facultativo se impõe a mais pesada das intolerâncias, não sendo raros os grandes conflitos morais sustentados pelos alunos que preferem manter inabalável a sua crença. Esses fatos, que ocorrem com maior incidência no curso primário, têm levado muitos pais espíritas, menos avisados, a consentir que os seus filhos se declarem católicos e se sujeitem às exigências desse culto, com graves prejuízos para a formação espiritual dos mesmos, fatos esses dos quais possuímos provas irrefutáveis e concretas. Diante do exposto, em face desses acontecimentos, não estaríamos no momento oportuno para um movimento de Assistência Social, mais amplo e mais consentâneo com a própria razão?

Diante do acima exposto, e considerando o momento oportuno para ser ventilado o assunto, quando vimos de comemorar o primeiro centenário da Codificação Kardeciana, apresentamos à consideração dos senhores congressistas o que se segue:

Para resolver tão importantes problemas, torna-se mister que a cada Região em que se divide o Estado, conforme a organização da USE, se procure instalar colégios e educandários, de orientação genuinamente espírita, destinados a prestar assistência educacional à nossa infância e mocidade. Nesses estabelecimentos, além dos conhecimentos naturais das matérias dos seus cursos, procurar-se-ia o aprimoramento moral dos seus alunos, auxiliando a sua evolução espiritual, para que, no futuro, uma sociedade espiritualizada e, por conseguinte, moralizada, viesse abrir novos rumos nos destinos humanos. Além dos educandos espíritas, esses colégios poderiam abrigar alunos de outras confissões religiosas, cujos pais, fugindo às imposições do dogma e da intolerância, estivessem de acordo com o seu programa de formação moral e espiritual.

Não estabelecemos neste esboço de trabalho normas para o seu funcionamento, uma vez que essa incumbência, apro-

vada a idéia, deverá ser entregue a uma comissão de técnicos e educadores, entre os que emprestem sua colaboração à USE. Como sabemos, seria humanamente impossível a instalação em cada cidade de um colégio. Daí a necessidade de os mesmos serem regionais, localizados em ponto de fácil acesso, podendo, conforme a capacidade de cada Região, ser instalados um ou mais colégios. Os mesmos seriam Internatos e Externatos, mantendo desde o curso primário até o ginasial e normal e, em determinados casos, o profissional. Para a sua manutenção cobrar-se-iam taxas, módicas em relação às que vem cobrando os colégios atuais, daqueles cujas situações financeiras o permitam e, absolutamente grátis para os parcos de recursos, numa demonstração da fraternidade, espírita e cristã, dos primeiros para os segundos.

Esse aspecto da questão provoca um outro de não menor importância. Tere-mos que fazer face à necessidade de professores espíritas para atenderem às incumbências desses educandários. No estudo do fato em apreço, sem querer-mos ditar normas, aconselhamos que as UMES desenvolvessem uma campanha entre a Mocidade Espírita, no sentido de conseguir a formação de professores para a solução dessa necessidade. Existindo, em nosso meio, jovens que, embora capacitados, não podem continuar seus estudos por dificuldades financeiras, seria de bom alvitre que os órgãos da USE promovessem bolsas de estudos, solicitando a colaboração daqueles que estivessem em condição de colaborar, o que seria mais uma oportunidade de demonstrar a compreensão da fraternidade, de duplo objetivo ou seja: auxiliar um espírito na escala de sua evolução e colaborar para o advento de uma civilização melhor, mais espiritualizada, dando um exemplo de Bem servir à causa do Espiritismo e do Cristianismo.

Para finalizar, estas são as considerações que expomos aos prezados confrades, reafirmando ainda uma vez que o Espiritismo é obra de educação. Educação moral, educação cristã, para o aprimoramento espiritual da humanidade.

São José dos Campos, março de 1958

UNIÃO MUNICIPAL PAULISTA

CONCEITOS

1. Pasteur costumava dizer: *Não sei, procuro.*
2. Leibnitz: *É preciso, perante os fenômenos da natureza, observar e estudar, não nos admirando de nada.*
3. Abelardo: *A dúvida é a senda da investigação.*
4. O patristico Tertuliano: *Credo quia absurdum.*
5. Anselmo: *Credo ut intelligam.*
6. Bacon: *O acaso é o nome de uma coisa que não existe.*
7. Léon Denis: *O túmulo chama, recebe e devora.*
8. Gabriel Delanne: *O Espiritismo é a Ciência do futuro.*
9. Ernest Renan: *O Cristianismo, para conquistar o mundo, não tem necessidade da Imprensa nem da liberdade de reunião.*
10. Allan Kardec: *O túmulo é o ponto de reunião de todos os homens.*
11. — : *Uma língua perfeita, em que cada idéia fôsse expressa por um termo próprio, evitaria muitas discussões.*
12. — : *Para nos melhorarmos, dá-nos Deus exatamente o que nos é necessário e basta: a voz da consciência e os pendores instintivos.*
13. — : *O Cristianismo tinha que destruir; o Espiritismo só tem que edificar.*
14. — : *Todos os fenômenos espíritas, sem exceção, resultam de leis gerais.*
15. — : *Se houvéssemos de sômente acreditar no que vemos com os nossos olhos, a bem pouco se reduziriam as nossas convicções.*
16. — : *Trazendo nossa pedra ao edifício, colocamo-nos nas fileiras.*
17. — : *O essencial é o fundo.*
18. — : *O tambor deixa de tocar, para despertar os soldados, logo que estes se acham de pé.*
19. — : *Quem não é cego nada mais precisa fazer do que abrir os olhos para ver quando quiser.*
20. — : *Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.*

CAMPANHA DO SÉLO DA USE

(Continuação da pág. 5)

propagação desta Campanha, reproduzindo nas páginas desse órgão toda a literatura da Campanha, circulares, volantes, inclusive fazendo editoriais ressaltando a importância e a significação do selo da USE, cuja confecção foi aprovada por ocasião do III Congresso Espírita Estadual.

Contando com a decidida colaboração desse respeitável órgão e os sentimentos de amor à Doutrina que ornaram os seus dignos diretores, não temos dúvida de que encontraremos de parte dos confrades correspondência à nossa solicitação."

II EXPOSIÇÃO DO LIVRO ESPÍRITA

A II Exposição do Livro Espírita, realizada de 4 a 15 de janeiro transato, alcançou, como não podia deixar de ser, invulgar êxito. Foi ela mais uma excelente iniciativa da Comissão Central das comemorações do I Centenário da Codificação do Espiritismo.

A União da Mocidade Espírita, a cujo encargo esteve a Exposição, não mediu esforços para levar avante, com o necessário e costumeiro brilhantismo, aquele importante acontecimento bibliográfico.

Expuseram-se para mais de duas mil obras, além de 337 exemplares de órgãos espíritas, que se publicam ou publicaram desde 1857. Ao ensejo, deu-se também uma pequena demonstração, com fotografias e documentação, do que vai no campo assistencial espírita.

Registrrou-se, como da I Exposição, uma visitação pública diária de 1.000 pessoas.

A União da Mocidade Espírita recebeu obras avulsas de diversos confrades e contou com as bibliotecas da Federação Espírita do Estado de São Paulo, Batista Lino e Teixeira de Paula.

Os oradores programados defenderam, com muito acerto e conhecimento de causa, as teses de sua preleção. Foi o seguinte o temário:

- 1 — *O Livro Espírita. Sua orientação e sua importância.*
- 2 — *O Livro dos Espíritos. seus aspectos principais e sua atualidade.*
- 3 — *Educação Mediúnica. Sua importância e atualidade.*
- 4 — *O Espiritismo nos Evangelhos.*
- 5 — *O Princípio da Reencarnação em seus aspectos principais. Histórico, Científico e Filosófico.*
- 6 — *Adulteração do Espiritismo (A). Seus perigos e seus principais aspectos. O Centro Espírita. Experiência geral de sua organização e funcionamento.*
- 7 — *Imprensa Espírita.*
- 8 — *Orientação da Assistência Social no Meio Espírita. Principais funções sociais do espiritismo.*
- 9 — *Influência do Espiritismo na Educação Física, Intelectual e Moral da Humanidade.*
- 10 — *A Influência do Espiritismo no Futuro Equilíbrio Político e Econômico do Mundo.*
- 11 — *A Evolução Espiritual. O Reino de Deus dentro de nós.*
- 12 — *O Espiritismo nos três aspectos fundamentais.*
- 13 — *A Filosofia Espírita.*
- 14 — *Allan Kardec, Sua Vida e Obra.*
- 15 — *Oração e Vigilância.*
- 16 — *Necessidades e Vantagens da Unificação dos Espíritas.*
- 17 — *Necessidade imperiosa dos estudos da Doutrina Espírita.*
- 18 — *O Espiritismo como leme seguro em meio às tempestades humanas individuais e sociais.*
- 19 — *Liberação da Palavra de Vida do Evangelho pelo Espiritismo.*

SATAN CONDUZ LE BAL

Carlos IMBASSAHY

Leio na "Santa Aliança do Terceiro Milênio" um artigo de Dálio Zippin sobre Frei Boaventura. Princípio o Autor declarando que se trata de um franciscano com uma vida inatacável, alta intelectualidade, orador primoroso, ótima dicção, recursos de oratória...

Se o Autor ficasse nesse panegírico, pouco teríamos que dizer e talvez entrássemos com os nossos aplausos calorosos. Está no seu direito de ver no Frade um santo, ao mesmo tempo sábio, duas qualidades já difíceis de se encontrarem separadas e quase impossíveis de se verem juntas. Justo, portanto, o regosijo do escritor neste interessante ponto. Mas já não navegamos com ele nas mesmas águas quanto ao que se segue.

Assim é que acha ele que "é injusto não ter o Frade o direito de dizer que as demais religiões se revestem do cunho da falsidade e profanação". Ora, isto é absolutamente falso.

"Que é injusto não poder pregar a perniciosidade do Espiritismo, a mentira dos seus fenômenos, a da reencarnação, a utopia de que o Espírito continue vivendo, que as mesas volantes não existem, sendo arte de prestidigitador, que não existe a materialização..."

Não sabemos que idéia tem o distinto articulista de justiça ou injustiça, mas, segundo a ética, segundo aquilo que conhecemos como bons princípios, proclamar uma descabelada mentira, não me parece coisa muito própria para se defender e louvar, principalmente se o seu divulgador tem os altos dotes do Frade, a sua intelectualidade, os seus recursos, o seu rutilante aprendizado. Porque, afirma ainda o honrado encomiasta, "todo esse direito tem ele pelos estudos aprofundados que tem feito sobre o Espiritismo e outras religiões. E não adianta contradizê-lo, pois está no seu papel". E ainda afirma:

"Aceitamos o que ele diz, que existe no Espiritismo muita mistificação, e que ele sem médium, possa fazer aquilo que os denominados grandes médiums fizeram na antiguidade e ainda agora têm a pretensão de fazer".

Concorda que o Frade "no palco demonstre que Crookes, Richet foram uns bobos". E ele, ESCRITOR ESPIRITA, aceita o que diz o Frade e até concorda pois "quem sabe até se a razão não está com Frei Boaventura".

E nós espiritas — finaliza Dálio Zippin — não nos aborrecamos, somos todos irmãos...

Não, aborrecimento nenhum, apenas o mesmo direito do Frade, em sentido contrário, o de procurar desmanchar a sua babélica oratória, ajeitada com os "grandes recursos que possui", e mostrar ao público o caminho da verdade, acaalando-o, de maneira a que nele se possa transitar sem os óbices com o que o vem atravancando OS ESTUDOS APROFUNDADOS do sacro escritor, em matéria de Espiritismo.

Poderíamos dizer ao ilustrado articulista que o Frade estaria no seu direito de chufar como entendesse os seus leitores e ouvintes e que o ilustrado articulista, a exemplo do Frade, também poderia escrever os artigos elogiosos que julgasse conveniente, e achar justíssimas as considerações do egrégio Boaventura no que toca à prestidigitação, no caso dos fenômenos, e ainda que aceite o que ele diz da falsidade das religiões, da perniciosidade do Espiritismo e ainda concorde com ele no ver em Crookes e Richet dois lamentáveis banazolos, que, por sua miopia física e mental deixaram-se enganar miseravelmente, ludibriaram a Ciência e contribuíram para a mistificação espirita.

Tudo isso é direito seu, mas não convém dizer-se espirita a menos que seja seu intuito armar os adversários com este formidável argumento: — Até os próprios espiritas desmascararam a fantasmagoria de Katie King, os truques em que caíram os Crookes e os Richets, a perniciosidade do Espiritismo, e acham ainda que a razão pode estar com Frei Boaventura.

Afinal, toda a estrutura espirita repousa no fenômeno. E da manifestação espirita, que teve sua fase clássica nas experiências gráficas de Crookes e Richet, que surgiu a doutrina. Se tudo isso vem ao barro e se ainda é pernicioso, por cima, em que consiste o Espiritismo do muito digno escritor Sr. Dálio Zippin?

Não há dúvida que o preclaro Frade está no seu direito de proclamar a sua religião; o que não julgariamos justo, muito ao contrário do seu justificador, é que caísse de rijo na Doutrina espirita, desnaturando-a, ou nos fatos espiritas, falsificando-os. Ai já não é mais defender uma doutrina própria, é procurar escachar uma alheia, usando de qualquer processo. Não é de crer que a sua doutrina aconselhe isto, nem o devam aconselhar os espíritos honestos.

Talvez se justificassem, até certo ponto, os seus ataques, se o beletrista Do Terceiro Milênio o apresentasse como um ignorante. De um igno-

rante tudo se pode esperar em matéria filosófica ou científica. Mas tal não acontece: ele no-lo mostra como dotado de grandes estudos sobre o Espiritismo; GRANDES E APROFUNDADOS.

Se são grandes e aprofundados seus estudos psíquicos e vem negar a fenomenologia, com as vibrações de sua pena ou os rasgos de sua oratória, necessariamente está de má-fé, ou é um fanático, ou é um inscio no assunto. O mais certo é estar sob o império dos espíritos de malícia.

Toda a série dos fatos supranormais, nêles incluídos os do Espiritismo, está por tal forma demonstrada, que não um indivíduo de estudos profundos, senão um profundo desconhecedor da matéria, poderá negá-la.

Qualquer mediocre estudioso sabe a maneira por que foram feitas as experiências dos dois sábios apontados na crônica, o sábio francês e o inglês. Recorreu-se a tudo o que poderia fornecer a Ciência no que diz respeito à fiscalização; usou-se a mais completa aparelhagem, desde a balança, o termômetro, a máquina fotográfica, até a complicada rede elétrica inventada por um dos maiores electricistas do Mundo, Sir Cromwell Varley.

Richet vê formar-se o Espírito à sua frente; ele surge de uma bola ou de uma nebulosa, e toma finalmente a forma humana. O sábio procede às experiências com o fantasma e fá-lo soprar num copo com água de barita para verificar-lhe a respiração: era como se fosse um ser vivo, enquanto a médium fazia inerte numa câmara ou agarrada de pés e mãos. Crookes vê ao seu lado o fantasma e a médium; examina-os durante três anos consecutivos em seu gabinete, com todas as precauções possíveis e imagináveis. Percebe-os em plena luz; de uma feita o fantasma derrete-se, ante seus olhos, como uma bola de neve. O fantasma é examinado, auscultado, pesado, medido; corta-se-lhe uma das mechas de cabelo; comparam-no com a médium; retratam-no junto com ela. Enfim, no gabinete, fechado, selado, lacrado, há duas pessoas; o sábio e a médium; iluminação completa. Nisso aparece uma terceira: é o fantasma, com todos os sintomas de vida, mulher de extraordinária beleza. De onde saiu?...

Todas as notícias de supostas fraudes foram inteiramente pulverizadas; isto, porém, ao que parece, não chegou aos ouvidos do nosso antagonista nem aos do nosso correligionário.

Diz-nos este que aceita o que o outro diz, quanto à mistificação do Espiritismo, porque pode ele fazer, sem médium, no palco, aquilo que os grandes médiums fizeram na antiguidade e ainda agora têm a pretensão de fazer...

Ainda aqui nos tomamos de perplexidade, sem saber como poderá sustentar-se a crença espirita do nosso Dálio, desde que tudo que se fez na antiguidade e o que os denominados médiums de hoje pretendem fazer, fê-lo no palco o honrado Frade, com a sua acrobacia e prestidigitação. Nem ao menos se poderá supor que os fenômenos espiritas sejam reais, embora imitáveis e reproduzíveis, porque segundo nos informa o cronista, os grandes médiums PRETENDEM realizá-los. Não há pois realidade nenhuma, há pretensão.

Em Paris, famoso mago propôs-se imitar Jean Guzik. Gustavo Geley aceitou o repto com uma condição única: ele deveria submeter-se ao "controle" científico que foi usado para com o médium. Escusado é dizer que o ilusionista desapareceu.

Pena é que já não estivesse no cenário dos acontecimentos o bom do Frei: passaria de um cenário para outro, o da ribalta, e toca a BANCAR o Guzik, e por certo a embasacar o Geley, e mais a turma dos experimentadores franceses, e mais o público francês e todos os metapsiquistas do mundo, que tinham os olhos nas experiências, e mais os trinta e quatro notáveis de França que testemunhavam os fatos e fizeram um abaixo-assinado garantindo a autenticidade dos fenômenos produzidos.

Que revolução na Inglaterra e em Argel, quando o Frade lá chegasse e começasse a desmoralizar a balança, perdendo misteriosamente o peso, ou o termômetro, modificando misteriosamente a temperatura, ou o Varley, desmascarando a sua técnica elétrica, ou o fantasma, "travestido" o Frade de mulher, com cara, corpo, vestes, caracteres biológicos, com aparecimentos e desaparecimentos, à vista de todos, cercado de hábeis experimentadores, enovelado de campanhas, e tudo à luz de muitas lâmpadas. Seria de embasacar a ciência inglesa e a francesa, com o verificar-se que havia ali dois idiotas que se supunham dois sábios, o Richet e o Crookes.

Ah, se o estimado Frade pudesse ter estado em Nova York, aí por volta de 1862, como teria desenganoado o banqueiro Charles Livermore, a quem, durante 5 anos consecutivos, apareceu sua

mulher materializada! Necessariamente iria reproduzir a cara da defunta, e mais a de Benjamin Franklin que a acompanhava, isto com todos os caracteres físicos. E ainda escreveria com a caligrafia da morta, no seu idioma e em outros que ela conhecia; tinha que aparecer, por vezes, inteiramente materializado, por vezes meio materializado, por vezes ter-se-ia que ir materializando gradativamente diante da assistência; teria que identificar-se perfeitamente como o fêz Stella, mostrando-se sempre sob a mesma aparência, escrevendo centenas de mensagens com a mesma escrita, exprimindo-se nas línguas familiares que conhecia, sem que a médium as soubesse, apresentando as idéias que tinha e materializando os objetos que usava, e enfim, como diz Bozzano, reforçando as provas de identificação com a produção de fenômenos prodigiosos, destinados a demonstrar a intervenção real de personalidades espirituais estranhas aos assistentes.

Quanta gente não iria o Frade estarrecer, todos então confiantes na genuinidade do fenômeno, e muitos dêle testemunhas: Dale Owen, Mr. Groute, o Dr. Gray, o banqueiro Livermore, os parentes, os familiares, Aksakoff...

Em cinco anos de convivência com Stella, como Crookes em três anos com Katie King, olhando, espionando, pesquisando, apalpando, não viam nada. Nisso, chega lá o Frade e, em meia hora, que reboliço!...

Que pena não o vemos nos palcos noruegueses reproduzindo o fantasma extremamente belo da "celestes Nepenthes", como lhe chamavam. Tratando-se de um fantasma celeste, creio que não haveria melhor dedo para a reprodução que o do Frade.

E ei-lo a mostrar-se celestialmente, falando e escrevendo em grego antigo ou em sânscrito, diante de professores da Universidade, de homens de letras, de médicos, de magistrados, de pastores luteranos, dando-lhes magníficas lições de helenismo, e sempre feliz nas respostas com que o procurassem espelar. E a assistência deveria vê-lo e ao mesmo tempo o fantasma, isso em plena luz, no meio de um círculo, sujeito a inquirição e pesquisas que aos experimentadores aprouvesse fazer. Teria que apresentar a moldagem da mão, moldagem impossível de reproduzir por qualquer mestre na arte. E teria que meter a mão na parafina fervendo, ou fabricar uma mão de fantasma, inidúvelmente igual a qualquer mão viva. Isso é que era demonstração, e destarte já não havia admirar que o nosso confrade achasse justíssimas as suas objurgatórias, como admirável a profundidade de seus conhecimentos, como abissal a sua arte cênica.

Passando aos fenômenos subjetivos, tínhamos que vê-lo reproduzir o estilo de Humberto de Campos, como Francisco Xavier, ou transformar-se num personagem do século XVII e escrever em linguagem arcaica, com perfeitas descrições da época, como a Sra. Curtan; e isso por meio de out-já; deveria ser ultra-magnífico nas crônicas sacras, com os ESCRITOS DE CLEOPHAS, chetas de espantosas revelações; na reprodução exata do estilo de Wilde; na feitura de romances inacabados, como o de Dickens, ou de romances acabados como a CABANA DE PAI TOMÁS; em trabalhos científicos como o de que se serviu Buchner, sem saber que se tratava de obra medianímica.

As revelações da Sra. Piper eram tão curiosas que os cientistas de dois Continentes mandavam espia-la por detectives, a ver onde ela apanhava os sensacionais informes que apresentava. Trabalho inútil se lá estivesse Frei Boaventura, que por certo, no palco ou fora dêle, haveria de identificar-se como parente, amigo ou conhecido de junto de todos os estrangeiros que vinham ver e ouvir a médium, não importava de onde.

Temo-lo-ia ainda imitando os casos de aparição de falecidos nos leitos mortuários, transformando-se em criança vidente e audiente; e se não fora um desrespeito, num animal nas mesmas condições; apresentando fenômenos de telecinesia nos leitos de morte e alhures, o da música transcendental, o dos defuntos que escrevem com a própria letra e estilo, quando ninguém os conhece, tudo posteriormente verificável; o de línguas estranhas, a correspondência cruzada e quantos fatos formam o imenso acervo da fenomenologia supranormal.

Tudo isso reproduz à maravilha Frei Boaventura, no que piamente acredita Dálio Zippin. E "como ele é nosso irmão", aceitamos tudo isso, "como pesquisa que nos conduzirá à verdade", a verdade de que em Espiritismo tudo é mistificação e perniciosidade.

Mais alguns confrades como Dálio Zippin e poderemos entoar o réquiem no falecimento de nossas conquistas espirituais.

Ou então é Satanás que está dirigindo o baile.

Resenha Bibliográfica

João TEIXEIRA DE PAULA

A presente noticiário bibliográfica é mera vista de olhos a determinadas obras de estudos psíquicos. Algumas, pela sua originalidade, aparecem aqui apenas como expressão documental; a par da notícia estritamente bibliográfica, aproveitamos a oportunidade para dizer sempre umas ligeiras palavrinhas — sem nenhum intuito literário —, acerca de um ou outro autor.

* * *

G. MONDEIL

Conforme o próprio título o está indicando, o trabalho de G. Mondeil é uma contribuição — e das mais valiosas — ao estudo do fluido humano perante a Física e a Metapsíquica Objetiva. No trabalho em apreço o autor, apoiado na Física, faz uma apreciação científica dos fenômenos elétricos, luminosos, magnéticos e fisiológicos, e, apoiado em fatos supranormais, discorre acerca de fenômenos metapsíquicos objetivos — segundo a denominação de Charles Richet.

A obra de Mondeil é um acervo de fatos e deduções paranormais. Já muito antes dele o Barão de Reichembach cuidara dos fenômenos óticos e, tal como ele, do Magnetismo, da Eletricidade, da Luz, etc. Antes de Mondeil e depois do Barão o Dr. H. Baraduc tratou da iconografia do invisível fluidico, encarando a Alma humana em diversos aspectos psicossomáticos.

Enfim os autores citados, com Albert de Rochas, foram os cientistas — conforme nos quer parecer — que mais aprofundadamente versaram o assunto.

J. MALGRAS

A obra de J. Malgras é única em os fastos espíritos. O autor, com paciência beneditina, estudou, em pineladas rápidas, como o requeria a brevidade do assunto, ou em pineladas mais demoradas e longas, como era de mister pela importância de uma ou outra personagem doutrinária retratada, os principais vultos do Espiritismo em França.

Não obstante o número de personalidades que ele passou ao cadinho da crítica e da apreciação, muitíssimas outras não foram contempladas com o beneplácito da apreciação, a qual alcançou apenas até o ano de 1906.

Mas o que lá está é o suficiente para mostrar-nos quantos pioneiros do Espiritismo havia só em França, desconhecidos na sua grande maioria do público espírita em geral.

Malgras limitou-se à gente de França e por uma razão muito simples: a dificuldade tremenda com que lutou para obter informes de autores estrangeiros.

Que maravilha não seria se cada País cuidasse dos pioneiros espiritistas seus! Que se não poderia dizer dos Estados Unidos? Inglaterra? Itália? Portugal? Brasil — para citarmos apenas estes?

CHARLES RICHEL

Charles Richet é o criador da Metapsíquica, a qual tem por finalidade a "produção de fenômenos, mecânicos ou psicológicos, devidos a forças que parece serem inteligentes ou a poderes desconhecidos, latentes na inteligência humana".

Aliás a palavra metapsíquica, conquanto já vulgarizada e aceita, não é de formação muito adequada. Alguns autores, como por exemplo Gino Trespiólli, apontam-lhe defeitos e acham-na insuficiente para exprimir com realidade o que pretendia Richet.

O Tratado de Metapsíquica é um repertório de fatos espíritos. Obra nenhuma no mundo — nem mesmo O Livro dos Espíritos de Allan Kardec — teve tamanha repercussão no meio científico de estudos paranormais como ele. Ali não se aceitam os fatos como provindos de Espíritos desencarnados, mas sim de poderes subjetivos dos próprios pacientes.

Em tradução de Dona Maria José Marcondes Pestana e João Teixeira de Paula foi o Tratado de Metapsíquica posto em língua vernácula, e, para melhor compulsão do leitor, dividido em três tomos,

dois dos quais já lançados a público pela Livraria "Allan Kardec" Editora, desta Capital.

BARÃO DE GULDENSTUBBÉ

A Realidade dos Espíritos e o fenômeno maravilhoso da escrita direta, do Barão L. de Guldenstubbé, apareceu pela primeira vez em 1857.

É a obra mais completa e a mais importante que, apesar dos cem anos já decorridos, se conhece até hoje sobre escrita direta. Contém ela, na expressão do próprio autor, os "primeiros elementos positivos da grande ciência da manifestação direta do mundo sobrenatural, base única das religiões históricas desde a majestosa lei de Jeová, gravada pelo dedo de Deus ou pelos Anjos seus nas duas tábuas em presença de Moisés, até a palavra divina cheia de união do Santo Mártir do Calvário"...

O fenômeno de escrita direta é um dos mais raros e dos mais difíceis de se produzir. Poucos são os médiuns que se prestam ou prestaram a essa mediunidade tão interessante e original.

FANTASMAS DE VIVOS

Os Phantasms of the Living, publicados por Edmund Gurney, Frederic W. H. Myers e Frank Podmore, em Londres, em 1886, são dois grossos tomos de pesquisas psíquicas, levadas a cabo sob o patrocínio da célebre Society for Psychical Research, que contava como membros homens da estatura científica de um Arthur J. Balfour, W. F. Barrett, William Crookes, Alfred Russel Wallace, Charles Richet, Oliver Lodge, etc.

As pesquisas a que os autores procederam simultaneamente em Inglaterra, em França e nos Estados Unidos tinham por objetivo:

1. Recolhimento de dados relativos à Telepatia.
2. Determinação da proporção de alucinações que coincidisse com um acontecimento real.
3. Determinação da proporção de pessoas que tiveram uma ou mais alucinações.

Cumpra notar que as alucinações a que se referem os pesquisadores são as aparições de Espíritos.

Os Fantasmas de Vivos, à vista do seu caráter estritamente científico, são obra para consulta obrigatória dos espíritos perquiridores, que ali encontrarão um manancial de casos probatórios da sobrevivência e da ação do Espírito.

OLIVER Joseph LODGE. Nasceu em Penkhull (Staffordshire), no dia 12 de junho de 1851 e faleceu em Amesbury (Wiltshire) em 1940, na Inglaterra.

Foi professor de Mecânica e Física no Bedford College e na University College. Publicou 30 (trinta) obras, a maioria sobre Ciência, dentre as quais destacamos as que nos interessam mais de perto:

1. The Survival of Man. A Study in unrecognised Human Faculty, 1909.
2. Raymond, or Life and Death, 1915.
3. Why I believe in Personal Immortality, 1929.

Alfred RUSSEL WALLACE. Nasceu em Usk (Monmouthshire), em 8 de janeiro de 1823 e faleceu em 1913. Membro da Sociedade Real de Londres e Presidente da Sociedade de Antropologia. Ao mesmo tempo que Darwin, concebeu a teoria da evolução das espécies. Foi um grande colaborador de Darwin; nas suas pesquisas da natureza do mundo tropical esteve, entre outros países, aqui no Brasil. A sua importante obra, desconhecida no meio espírita: O Mundo da Vida. Manifestação de um poder criador, de um Espírito diretor e de um objetivo final, com centenas de páginas e 110 gravuras, é um documento do seu alto valor científico.

Porém a obra que o tornou conhecido no meio espírita é: On Miracles and Modern Spiritualism, London, 1873.

William CROOKES (1832-1913). É o homem que iniciou o período científico do Espiritismo. Descobridor do tálho, dos raios

catódicos e da matéria radiante. São célebres as suas experiências com Daniel Dunglas Home e Kate King.

Publicou:

1. Experimental Investigations on Psychic Force, 1871.
 2. Researches in to the phenomena of Spiritualism, 1874.
- Gustave GELEY (1868-1924). Médico e ilustre pesquisador metapsíquico. Dirigiu o Instituto Metapsíquico Internacional, fundado por Jean Meyer.

Algumas das suas obras mais reputadas:

1. L'Être subconscient. Essai de synthèse explicative des phénomènes obscurs de Psychologie normale et anormale, 1899.
2. De l'Inconscient au Conscient, 1920.
3. L'Ectoplasmie et la Clairvoyance. Observation et expériences personnelles, 1924.

Eugène OSTY. Nasceu em Paris no dia 16 de maio de 1874 e faleceu em 1938. Foi, com o desencarne de Geley, o seu sucessor na direção do Instituto Metapsíquico Internacional. Fez numerosas experiências com muitos celebrados médiuns e desmascarou muitos.

Publicou:

1. Le Sens de la Vie Humaine, 1919.
2. Lucidité et intuition. Étude expérimentale, 1913.
3. La connaissance supra-normale. Étude expérimentale, 1925.

WILLIAM Fletcher BARRETT (1845-1926). Cientista, descobridor de algumas matérias-primas, as quais foram aproveitadas pela famosa fábrica Krupp.

Publicou:

1. Psychical Research, London, 1911.
2. On the threshold of the Unseen, an examination of the phenomena of Spiritualism and of the evidence for survival after death, London, 1917.

Albert von SCHERENCK-NOTZING (1862-1929). Médico e hipnólogo de valor. Fez experiências com diversos médiuns, entre os quais Eusábia Paladino, Linda Gazera, Rudi Schneider e outros mais. Foi porém com Eva Carrière com quem ele mais procedeu a experiências de materialização.

Publicou:

1. Materialisations Phänomene. Ein Beitrag zur Erforschung der mediumistischen Teleplastie, Munich, 1923. Dois grossos volumes.
2. Physikalische Phänomene des Mediumismus. Studien zur Erforschung der telekinetischen Vorgänge, Munich, 1920.
3. Experimente der Fernbewegung (Telefinesse) im psychologischen Institut der Müncher Universität im Laboratorium des Verfassers, Stuttgart, 1924.

Eugène Auguste-d'Aiglun ALBERT DE ROCHAS (1837-1914). Engenheiro militar e humanista. Tenente-coronel do Exército francês e Diretor da Escola Politécnica de Paris, autor de obras de grande erudição. Fez notáveis experiências de regressão de memória, levando os sensitivos, em estado de hipnose, a reviverem muitas encarnações.

Publicou:

1. L'extériorisation de la motricité. Recueil d'expériences et d'observations, Paris, 1906.
2. L'extériorisation de la sensibilité. Étude expérimentale et historique, Paris, 1909.
3. Les vies successives. Documents pour l'étude de cette question, Paris, 1911.

Camille FLAMMARION. Nascido no dia 26 de fevereiro de 1842 e desencarnado no dia 4 de junho de 1925. Foi um dos pioneiros do Espiritismo. Conviveu com Kardec. Era filósofo e astrônomo. Chamavam-lhe o "poeta do Espaço".

Publicou:

1. Dieu dans la Nature. 2 volumes.
2. Les forces naturelles inconnues. 2 volumes.
3. La mort et son mystère. 3 volumes.

UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Direção:

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:

Abraão Sarraf

João Teixeira de Paula

Luiz Monteiro de Barros

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cx. P. 8.946

Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual no País Cr\$ 40,00

Assinatura anual no Exterior ... Cr\$ 50,00

Número avulso na Capital Cr\$ 3,00

Número avulso no Interior Cr\$ 4,00

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Impresso na LINOGRÁFICA EDITORA
Rua Alfr. Barroso, 478 — S. Paulo

F. M. GABRIEL DELANNE. Nasceu em Paris no dia 23 de março de 1857 e faleceu na mesma cidade no dia 15 de fevereiro de 1926. Era Engenheiro-Eletricista e foi um dos mais sólidos alicerces científicos do Espiritismo.

Publicou:

1. Le Spiritisme devant la Science.
2. Recherches sur la Mediumité.
3. Les Apparitions matérialisées des vivants et des morts, 2 volumes.

Arthur CONAN DOYLE (1859-1930). Nasceu em Edimburgo. Escritor brilhante, muito conhecido no meio profano sobretudo por causa da célebre personagem criada por ele: Sherlock Holmes. Era formado em Medicina. Espiritista convicto.

Publicou:

1. History of Spiritualism.
2. New Revelation. The Search. Problems and Limitations. Next phase of Life.
3. The Wanderings of a Spiritualist.

Léon DENIS (1846-1927). Foi um dos mais ardorosos apóstolos do Espiritismo; e ele talvez dos escritores espíritas estrangeiros, depois de Allan Kardec, o mais lido e procurado.

Publicou:

1. Le Problème de l'Être, de la Destinée et de la Douleur.
2. Christianisme et Spiritisme. Preuves expérimentales de la survivance.
3. Après la Mort.

Alexander AKSAKOFF (1831-1902). Nascido em São Petersburgo. Foi Conselheiro de Estado. Fundou a revista Psychische Studien, que, depois de sua morte, continuou, graças aos zelos do Barão de Scherenck-Notzing, a ser publicada em Lipsia com o título de Zeitschrift für Parapsychologie.

Publicou:

1. Animismus und Spiritismus. Versuch einen kritischen Prüfung d. mediumistischen Phänomene, 1890.
2. Vorläufer des Spiritismus, 1898.

Ernesto BOZZANO. Nasceu em janeiro de 1862, em Gênova, e faleceu no dia 24 de junho de 1943, em Savona. Foi um dos mais esclarecidos pesquisadores da ciência psíquica. Dividiu, segundo o processo de Myers, Gurney, Podmore, etc., os fenômenos em duas distintas classes: anímicos e espíritos. Catalogou e compinginou numerosíssimos casos. A sua bibliografia, constante em grande parte de monografias, passa da casa dos cinquenta volumes. É o mais fértil dos escritores espíritas.

Publicou:

1. La crise della Morte nelle descrizioni dei defunti comunicanti.
2. Indagine sulle manifestazioni super-normale. 6 volumes.
3. Animismo o Spiritismo?
4. Gli Animali hanno un anima?